

“Dai ao Senhor a glória
devida ao Seu nome;
adorai o Senhor na beleza
da Sua santidade” Salmo 29:1.

O ARAUTO da SANTIDADE

NOVEMBRO, 1990

European Nazarene
Bible College
Library



ADORAÇÃO VERDADEIRA

—JOHN A. KNIGHT
Superintendente Geral

À pergunta "Qual é a finalidade principal do homem?", o antigo catecismo de Westminster responde: "O fim principal do homem consiste em glorificar a Deus e desfrutar d'Ele para sempre". Dar glória a Deus equivale a adorá-IO.

Jesus esclareceu que devemos saber a quem ou a quem adoramos (João 4:22). A compreensão errada do objecto da nossa adoração pode torná-la defeituosa ou inadequada. "Deus é Espírito e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4:24).

O Mestre também disse: "O Pai procura a tais que assim o adorem" (João 4:23). Isto implica que aparentemente poucas pessoas que O adoram se

aproximam de Deus e Lhe permitem relacionar-Se com elas. Os que "adoram ao Pai em espírito e em verdade" são chamados verdadeiros adoradores" (v.23). Há um profundo contraste entre os que desconhecem a natureza do Deus que adoram e o significado da verdade na adoração. Não apreciam o desejo do Pai de ser adorado em espírito e em verdade.

I. *É imperativo compreender como é o Deus que adoramos.* Se O consideramos como um avô cósmico, então esperamos que nos acarínhe com a Sua indulgência. Se cremos que é como um subalterno que despacha pedidos mesmo de noite, então esperamos que nos atenda imediatamente e nos envie resposta ao romper da alva.

Mas se O conhecemos como Deus de Abraão, Isaque, Jacó, José e "o Deus e Pai do Nosso Senhor Jesus Cristo"; então muda por completo a nossa adoração. Em Cristo vemos-O como o Senhor soberano, o Criador do universo e o Conservador da vida, o Redentor da humanidade, o Consolador dos que Lhe obedecem e o Rei dos crentes que virá em breve.

O verdadeiro adorador nega-se a considerar Deus em termos humanos, como por exemplo "Aquele que vive nas alturas"; um Ser supremo que do Seu trono controla o universo de forma arbitrária, sem ter em conta os seres humanos.

A adoração genuína reconhece o valor do Criador e que "n'Ele vivemos e nos movemos e existimos" (Actos 17:28). Confessa total dependência dum Ser absoluto e que "todas as coisas subsistem por Ele" (Colossenses 1:17) e que sem Ele nada podemos fazer (João 15:5). Sem a Sua ajuda deixaríamos imediatamente de existir.

II. *É essencial reconhecermos o significado da verdade na adoração.* A verdade não é simplesmente conformidade com os factos, nem descrição paralela ao momento presente. A verdade é um espírito, uma relação, uma perspectiva, uma atitude, uma resposta total. Jesus disse: "Eu sou... a verdade" (João 14:6). Não só a expressa, mas Ele é a própria Verdade. Tem perfeita relação com o Pai celestial. A verdade significa que alguém está disposto a ver-se a si mesmo como Deus o vê e, pela graça do Senhor, chegar a ser o que Ele quer que seja.

No momento da adoração vemos a transcendência e a santidade de Deus, ao mesmo tempo que contemplamos a nossa impureza e indignidade e as confessamos abertamente, sem espírito defensivo. A experiência de adoração porque passara o profeta Isaías ilustra bem esta verdade: "Eu vi ao Senhor, assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo. Os serafins estavam acima dele... E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos: toda a terra está cheia da sua glória" (Isaías 6:1-3). Nessa

atmosfera de adoração Isaías viu a sua impureza e clamou: "Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros... e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos!(v.5).

Um dos serafins pegou numa brasa viva e com ela tocou a boca do profeta dizendo: "Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado" (v.7). Nesse momento de adoração Isaías ouviu a chamada de Deus: "A quem enviarei, e quem há-de ir por nós?" Então o profeta respondeu alegremente: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (v.8).

A verdadeira adoração implica um encontro com a Divindade (o que Rudolph Otto chamou "o numinoso, a grandiosidade de Deus), *confissão* de impureza e de indignidade, *purificação* do homem interior e *obediência* expressa em *serviço*. Isto significa adorar "em espírito e em verdade".

III. *O Pai busca verdadeiros adoradores.* A adoração tem sua iniciativa e origem no próprio Deus, não no homem. É a exaltação de Deus e não simplesmente a satisfação de desejos e necessidades emocionais e, inclusive, racionais. Certos estilos de adoração talvez apelem a pessoas deste ou daquele nível, mas ela não pode ser reduzida a formas ou acções.

A adoração litúrgica quase sempre atrai pessoas de orientação mais racional, ao passo que a espontaneidade e a liberdade na adoração tendem a apelar a sentimentos e emoções. Nada de bom ou mau há nela, mas sim no exagero a que for sujeita.

A verdadeira adoração é mais que uma declaração de lábios, afirmação da mente ou emocionalismo. É um compromisso da vontade e uma expressão da vida — tudo que dá glória a Deus.

Parece que vai desaparecendo entre alguns grupos a adoração pessoal. Com frequência a verdadeira adoração é substituída, desviada ou alterada com apelo exclusivo aos sentidos, sem atingir o interior do homem — o ser humano total. A vida ética não experimenta qualquer mudança. A programação religiosa, as "celebrações" superficiais que exaltam o adorador em lugar de Deus, podem entreter ou mesmo encerrar algum valor. Mas não se podem classificar de adoração ao Deus que nos deu a conhecer Jesus Cristo.

Quando se modifica a adoração ou ela é colocada em segundo lugar, qualquer outra forma de adorar (cantar, bater palmas, etc.) pode ser indevidamente exaltada como um fim em si mesma, com pouca ou nenhuma mudança de espírito e um grau baixo de efectividade e disciplinado.

"Restauramos" a arte perdida da adoração. Então os pecadores converter-se-ão, os crentes serão inteiramente santificados, o nome de Cristo será exaltado e a igreja revivificada com o Espírito de Deus para a obra do ministério. □

O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

Volume XIX—Número 11

NESTE NÚMERO

Novembro, 1990

ADORAÇÃO VERDADEIRA.....	2
<i>John A. Knight, Super. Geral</i>	
O CULTO DE ADORAÇÃO.....	5
<i>Ronald Collins</i>	
BOAS-VINDAS A FAMÍLIAS	6
<i>Alexander Ardrey</i>	
A GLÓRIA DE DEUS	6
<i>Eudo T. de Almeida</i>	
OS SALMOS E A MÚSICA	8
<i>Carlos H. Viana</i>	
A SANTIDADE	9
<i>Harold Hampton</i>	
GRAÇAS.....	10
<i>L. A. Valvassoura</i>	
O MILAGRE REPETIDO (Poesia)	11
<i>J. Alves do Carmo</i>	
AVIVAMENTO	12
<i>Antônio M. Barbosa</i>	
ESTÁ NAS TUAS MÃOS.....	13
<i>Ronald Denton</i>	
RESTAURAÇÃO DO LOUVOR	14
BUSCA-SE: GRATIDÃO.....	16
<i>Jim Garlow</i>	
UMA JOVEM FALA SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO	17
<i>Howard Culbertson</i>	
O MINISTÉRIO DE MÚSICA.....	18
<i>Fred A. Mund</i>	
ADVENTO: PREPARANDO O CAMINHO PARA A CHEGADA DO MESSIAS....	20
<i>Sônia Ely</i>	
O PLANO DE DEUS.....	21
<i>Elinardo A. de Oliveira</i>	
ESTRATÉGIA PARA AS GRANDES CIDADES (P. Mission.).....	22
<i>George E. Rench</i>	
CHAMADA PARA SERVIR (M. Jovem)	24
<i>Rick Power</i>	
TRANSPLANTE (P. Devocional).....	25
<i>Manuela C. de Barros</i>	
PERGUNTAS E RESPOSTAS	26
O CAMPO É O MUNDO	27

Fotos: Capa—Foto dum vitral do Rev. Wilford Vanderpool, pastor aposentado, filho do falecido superintendente geral Vanderpool. O artista inspirou-se no traçado do edifício do Congresso, em Brasília, a quando de visita ao Brasil num grupo de Trabalho e Testemunho; p. 2 — D. Lawlor; p. 5 — Camerique; p. 11 — J. Pacheco.

BENNETT DUDNEY, Director Geral
MANUELA C. DE BARROS, Directora Editorial
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

"O ARAUTO DA SANTIDADE", USPS 393-370, é publicado mensalmente por Publicações Internacionais e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, E.U.A. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, E.U.A. Direitos reservados (1990) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

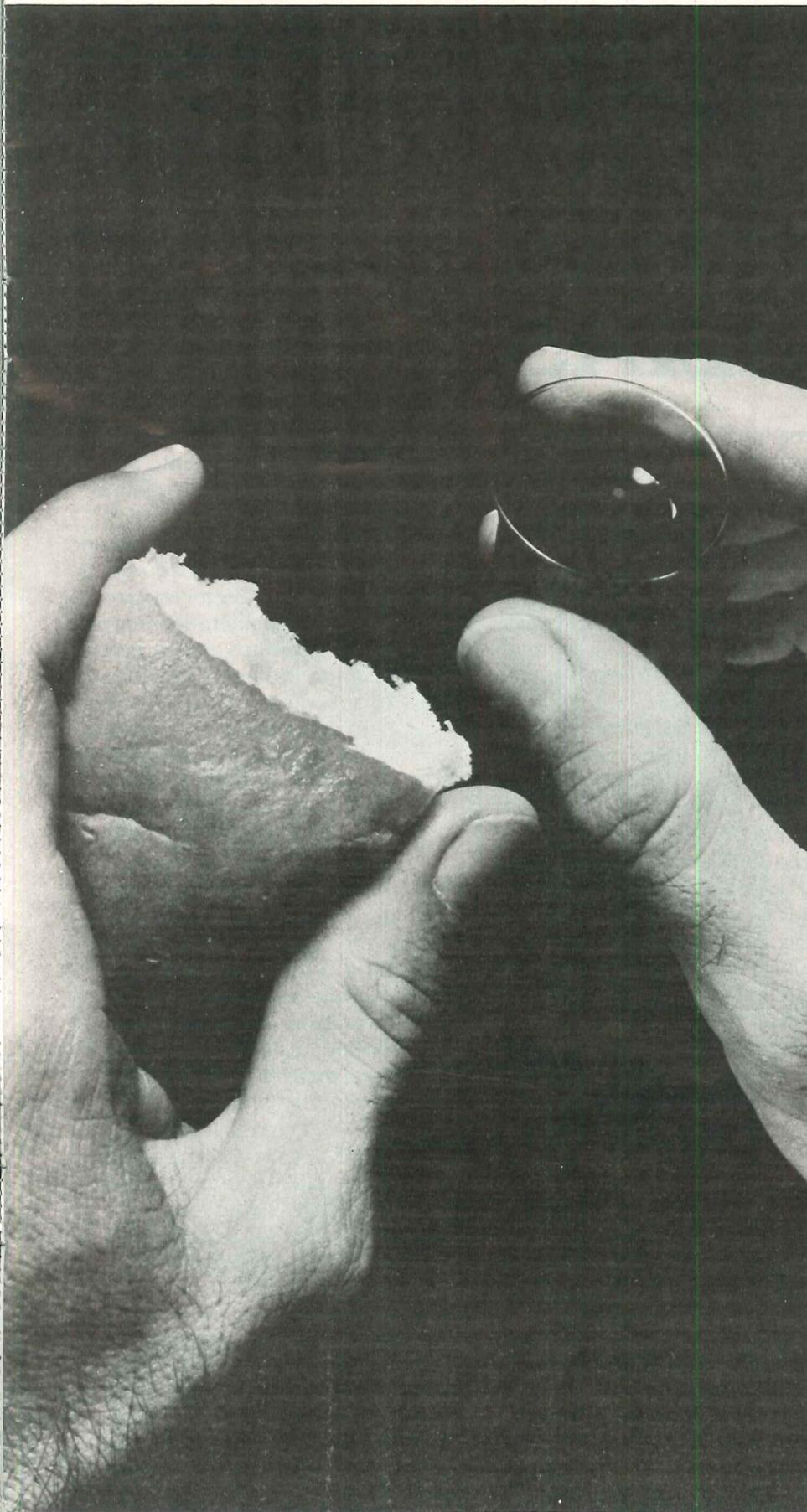
"O ARAUTO DA SANTIDADE", USPS 393-370, is published monthly by Publications International, printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Copyright (1990) by Nazarene Publishing House. Postmaster: Please send Change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, U.S.A.

O Culto de Adoração

—RONALD COLLINS

Antes de discorrermos sobre a adoração cristã, reconheçamos que há poucos dados específicos sobre os cultos do primeiro século. O Novo Testamento descreve apenas uma vez a celebração da Santa Ceia (I Coríntios 11:7-22). Carece de descrições de batismos, casamentos, funerais e outros cultos celebrados na comunidade cristã. É só no segundo século que temos narrações específicas do que faziam os cristãos quando se reuniam. No ano 111 d.C. o governador romano Plínio escreveu ao imperador Trajano uma carta na qual mencionava os cultos dos cristãos: "Reunem-se em determinado dia, antes de nascer o sol, cantam hinos a Cristo, como a um deus, e prometem não fazer mal, nem furtar, nem cometer adultério, nem defraudar quem quer que seja. Depois têm o costume de comer juntos, mas comida habitual..."

Embora o Novo Testamento careça de descrições da liturgia na Igreja Primitiva, dá algum indício do que faziam: batizar, pregar, cantar salmos, ler as Escrituras e ensinar (Actos 8:5,12; 18:28; Colossenses 3:16). Mas a simples menção destas coisas não é norma que deva determinar se os nossos cantos, pregações e batismos são correctos. Existe outra fonte de informação que nos ajuda a



estabelecer um critério para a autocrítica dos nossos cultos. Refiro-me à secção mais extensa de crítica aos abusos e problemas nos cultos cristãos, achada em I Coríntios 11—14.

Porém, tenhamos sempre em mente o princípio de aplicar a Bíblia à nossa situação. Há muitos casos bíblicos que não se aplicam no nosso tempo. Por exemplo, Paulo aponta à igreja o pecado de embriaguez na Santa Ceia (I Coríntios 11:21). Mas não podemos dizer que esta passagem careça de aplicação nos nossos cultos. No caso de Corinto estava em jogo o princípio de desigualdade que se reflectia no facto de alguns se fartarem enquanto outros não tinham o suficiente — esta desigualdade na Santa Ceia é pecado.

Como é seu costume, Paulo começa pela parte positiva. Deus deu a cada um dos membros dons para edificação da igreja (I Coríntios 12:7). Esta é a base em que Paulo se fundamenta para decidir se é apropriada ou não uma actividade na comunidade cristã. A comunidade congrega-se para “a edificação da igreja”. O Apóstolo faz referência a ela oito vezes no capítulo 14 (vs. 3,4,5,12,17,26,31). As actividades nos cultos públicos são apropriadas e moralizadoras na medida em que contribuem para edificar. Por isso Paulo faz diferença entre actividades que só ajudam o individuo e as que contribuem para a edificação do grupo. As primeiras são para o cenáculo com as portas fechadas; as últimas para a comunidade reunida. Quer dizer que Paulo não está a dar uma lista completa do que se pode ou não fazer nos cultos. Procura, sim, ensinar-nos como avaliar as nossas actividades, como igreja, para determinar se são ou não apropriadas para o culto cristão. □

**Bem-vindo
à Igreja do Nazareno:
a Nossa Igreja
Pode Ser o Seu Lar.**

BOAS-VINDAS A FAMÍLIAS

“Bem-vindo à Igreja do Nazareno: a Nossa Igreja Pode Ser o Seu Lar”. Esta frase pode continuar a trazer pessoas ao companheirismo da nossa igreja. As nossas boas-vindas são para a família—a família comum, a família de pais separados, a família em crise, a família jovem, a família mais idosa, a família cristã.

A chave para se ganhar famílias é dar prioridade total ao esforço de alcançar adultos. Isto não significa que devemos descurar a ênfase importante dada a crianças e à juventude. Deve, antes, fortalecer esta ênfase.

O plano para dez anos adoptado pelos Ministérios da Escola Dominical é de ter dois milhões de alunos inscritos nela até o ano de 1995. Não alcançaremos este alvo se não iniciarmos mais classes de adultos nos próximos seis anos.

Precisamos renovar a ênfase de “Toda a Família na Escola Dominical”. Isso significa que devemos inscrever, treinar e desenvolver novos professores e obreiros para estas novas classes.

Também, dar ênfase maior ao lar cristão e à comemoração da família cristã. Por que não reservar algum tempo para enaltecer a importância da família? Faça planos especiais para dar ênfase à Semana da Família, Dia das Mães, Dia do Bebê, Semana e Dia da Criança, Dia do Pai e, até, Dia dos Avós—com alvos, programas, visitação, convites, etc. Ajude a comunidade a sentir que a família é importante e que a nossa igreja está baseada na família. Lembre-se, uma família começa com um único indivíduo.

Continuemos a exhibir o letrero de boas vindas: “A Nossa Igreja Pode Ser o Seu Lar”. Depois ajuste o programa inteiro para que as famílias visitantes se sintam bem-vindas ao seu novo lar —a nossa Igreja. □

—ALEXANDER ARDREY

A GLÓRIA DE DEUS

“Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Salmo 19:1).

Desde os tempos da Criação, Deus tem tido o cuidado de, gradualmente, Se revelar aos homens. Seus métodos têm sido variados: sonhos, visões, visitas de anjos, profecias. Para Davi o mais eloquente e convincente meio de fazê-lo crer no Criador foi-lhe revelado na contemplação dos céus e da terra. Ele viveu, a maior parte das vezes, perto da natureza. O orvalho molhou várias vezes suas vestes; contemplou o nascer do sol através da crista do Hermom; sentiu o pesado lençol da noite cair sobre o seu rebanho, trazendo aos ouvidos os longínquos uivos de lobos e chacais; a Ursa e a Via Láctea ofereceram-lhe temas para meditação. Durante os anos em que viveu em contacto com a natureza, toda a glória de Deus esteve patente aos seus olhos e lhe comoveu o íntimo.

Ele podia sentir a bondade de Deus, Sua misericórdia e cuidados através de muitas manifestações naturais. O sol brilhante, a chuva a cair, o vento a assobiar por entre as árvores, tudo isso deve ter comovido Davi até o profundo da sua alma, fazendo brotar dela os mais belos hinos e salmos da Bíblia.

Davi, através da afirmação que

fez antes, desafia-nos a provar a veracidade de suas palavras. Saíamos, pois, para os campos e contemplemos os céus, meditemos nos mistérios da reprodução das plantas, no assobio do vento que não sabemos "donde vem nem para onde vai"; levantemo-nos bem cedinho e deixemos o ar fresco da manhã bafejar-nos, observando as mudanças que o céu sofre ao raiar da aurora; e,

então, estou convencido que dentro de instantes, como Davi, brotará dos nossos lábios: "Os

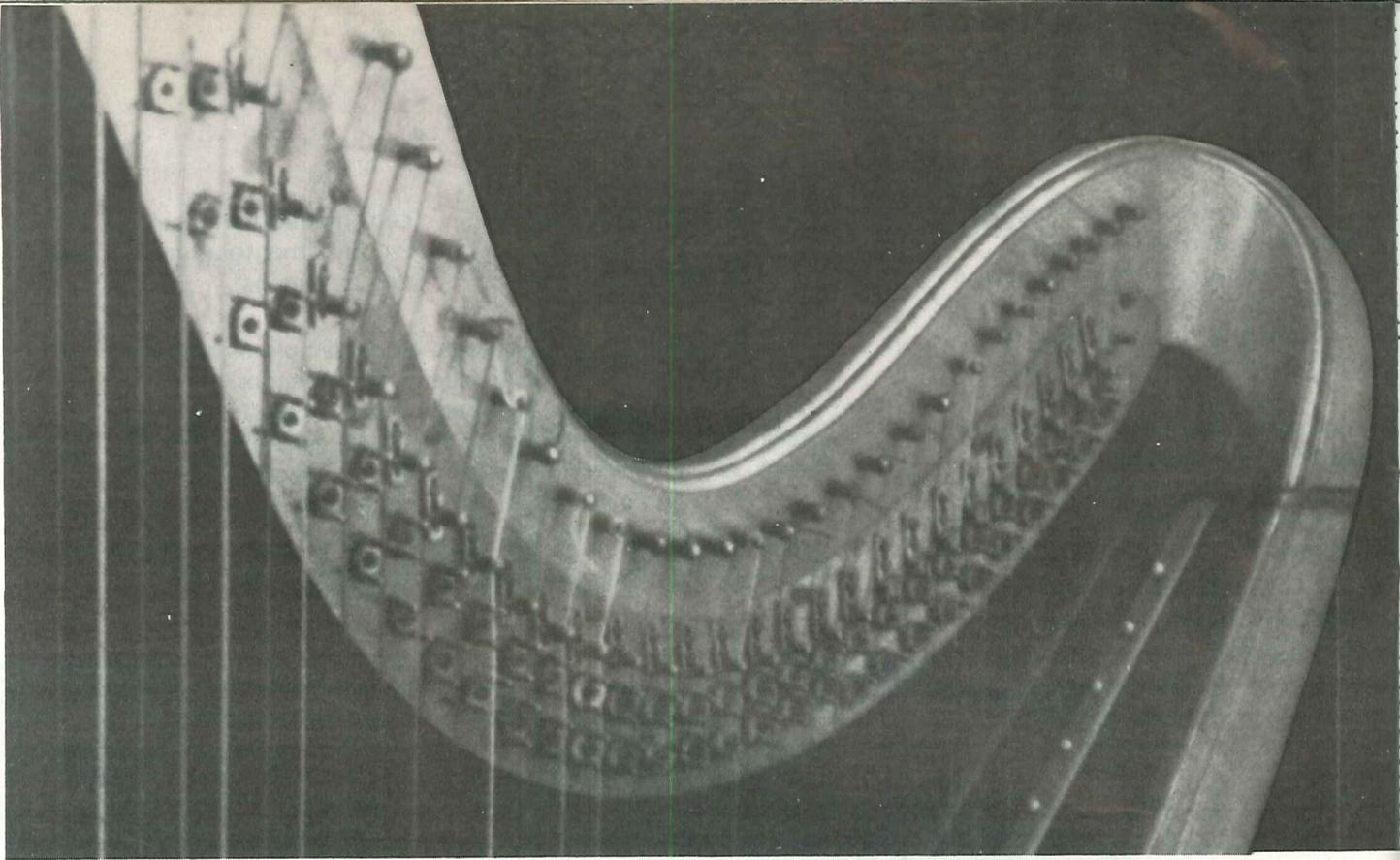
céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos". □

**"Senhor, meu Deus, quando eu contemplo os mundos
Que Tu criaste, cheios de esplendor;
Ouço os trovões e vejo o mar e os astros,
Na imensidão, o Teu poder, Senhor,
Então minha alma canta a Ti, Senhor:
Quão grande és Tu! Quão grande és Tu!"**

(L e A.,5)

—EUDO T. DE ALMEIDA





Os Salmos são música. Por definição o salmo é uma composição poética que contém louvor a Deus. Logo de entrada, o conceito "salmo" tem exclusividade... realmente, duas exclusividades básicas e importantes. A primeira: o salmo é música e poesia; e a segunda (que teologicamente deve vir primeiro), contém louvor a Deus. E se não encerra louvor ou referência a Deus, deixa de ser salmo.

O salmo era o canto sagrado dos judeus e, mais tarde, de cristãos que o recitavam ou cantavam. Algo que sempre se tem cultivado na vida de adoração e do culto na igreja. Testemunha-se hoje, com grande satisfação, o auge que alcançou o uso do salmo cantado com música autóctone no culto de adoração. Tem havido verdadeiros êxitos musicais que os crentes de nossas igrejas receberam com entusiasmo, cantam e desfrutam com alegria.

O Saltério Bíblico que provavelmente se completara no fim do século III antes de Cristo, tem cinco divisões ou livros. Cada

um termina com uma doxologia ou louvor. Quer dizer que os textos nos salmos 41:13; 72:18-19; 89:52; 106:48; e 150 respectivamente, são doxologias que se cantavam com acompanhamento de instrumentos musicais. Os cinco livros estão divididos da seguinte forma:

- Livro I — Salmos 1 a 41
- Livro II — Salmos 42 a 72
- Livro III — Salmos 73 a 89
- Livro IV — Salmos 90 a 106
- Livro V — Salmos 107 a 150

Esta grande riqueza musical e de culto de adoração a Deus tem distintas variantes quanto ao conteúdo poético e usos segundo a ocasião.

Os hinos de Ascensão abarcam os Salmos 120 a 134. Provavelmente eram hinos processionais que se cantavam enquanto o povo subia a Jerusalém para adoração e celebrações festivas.

Hino ou canção de louvor: Salmo 100. Lamento individual: Salmos 3-7; 42 e 51. Lamento comunitário: Salmos 44, 74, 79 e 80. Cântico pessoal de acção de graças por parte do rei ou outro

representante da comunidade: 30, 32, 34, 62 e 116. Salmos próprios para a coroação do rei: 2 e 110. Cerimónia matrimonial: Salmo 45. Os Salmos 113 a 118 são chamados "Hallel" ou "Aleluia", pelo convite a louvar a Deus.

Não podemos deixar de mencionar o Salmo clássico do Pastor: 23. O Salmo 150 celebra o carácter universal de Deus. No Antigo Testamento encontram-se outros salmos além dos do Saltério: Juízes 5; II Samuel 23:1-7; Oseias 6:1-3; Isaías 2:1-4; Habacuque 3; Jonas 2:2-29, e outros.

Os cantores faziam parte das actividades do templo desde o princípio, embora não sejam mencionados explicitamente até depois do exílio. As festas de Javé celebravam-se com danças e coros (Juízes 21:19-21; II Samuel 6:5 e 16). De acordo com Amós 5:23, os sacrifícios eram acompanhados com cânticos. O palácio real tinha os seus cantores no templo de David; por isso o de Salomão também devia ter os seus como todos os grandes santuários orientais. Muitos salmos têm indicações musicais

Os Salmos e a Música

—CARLOS H. VIANA

ou litúrgicas. Alguns referem-se no seu texto a uma cerimónia que se realiza simultaneamente: Salmos 27, 66, 81, 107 e 116. É claro pois que estes salmos se recitavam ou cantavam e foram compostos para o culto do templo.

Embora não possamos determinar que salmos específicos se usavam em determinadas cerimónias, não podemos passar por alto, naturalmente, tanto a relação dos salmos com o culto como o carácter litúrgico do Saltério em geral.

Os Salmos continuam a ser até ao presente a fonte inesgotável para o culto de adoração cristã, independentemente de correntes denominacionais e, inclusive, teológicas.

Cantar salmos é aplicar o bálsamo que cura e sustenta o nosso espírito. É algo mais que paliativo ocasional sob uma linda melodia e poesia atraente ou retórica. Não, para além de todo o elemento artístico, tem de calar bem fundo no espírito do ser humano moldando-o para socorrer qualquer necessidade... para curar. □

“Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus”

Mateus 5:48

—HAROLD HAMPTON

A santidade é conhecida por diversos nomes achados directamente na Bíblia, ou deduzidos por semelhança, tais como: segunda obra da graça, batismo com o Espírito Santo, vida santa, vida cheia do Espírito, consagração total, amor perfeito, perfeição cristã, etc. Cada

SANTIDADE

um deles dá ênfase especial

a determinado aspecto da santidade.

O versículo apresentado no princípio refere-se à “perfeição”. Ao mencioná-lo toca-se numa corda sensível de protesto na nossa mente que nos leva a exclamar: “Perfeição! Quem pode ser perfeito? Impossível! E, sobretudo, perfeito como Deus?” Mas o verso não diz que devemos ser tão perfeitos como Deus, mas perfeitos como Deus é perfeito. Nestas palavras há um mundo de diferença. Por isso convém perguntar: Como é Deus perfeito?

Primeiro, a perfeição que nos é pedida (“sede perfeitos”—um mandato), não é a da inteligência ou do entendimento sem faltas ou defeitos. Deus sabe tudo... e nós? Até na eternidade continuaremos a aprender. A perfeição de Deus implicada aqui é de poder ilimitado. Pois quem de nós poderá criar mundos? Nem se trata de ter em perfeito balanço o nosso juízo e entendimento. Erramos quase diariamente por falta de dados e informação. Mas Deus nunca erra no Seu Juízo. Ele é eterno—nunca morrerá. Poderemos nós desfrutar de tal perfeição? É evidente que não. Então poderemos ser perfeitos à semelhança de Deus?

Deus age sempre por amor. Ele é amor, mas se esse amor for derramado pelo Espírito Santo em nossos corações, então também nós procederemos por amor e nunca por rancor ou vingança. Uma canção popular diz: “O que o mundo agora necessita é amor, doce amor”—e é verdade. Cabe ao filho de Deus mostrar o amor divino, sacrificado no Calvário, a um mundo ferido e moribundo. Nisto podemos ser perfeitos como o nosso Pai. E esse amor alcança, sem dúvida, outros povos, nações e culturas.

Deus sempre mantém relações irrepreensíveis porque controladas e governadas pelo amor. Em nossos relacionamentos também nós devemos manter os laços que nos ligam à eternidade—para nosso bem e do próximo.

O grego emprega a palavra *teleios* para "perfeitos" (sede perfeitos—*teleioi*). *Teleios* significa "completo, terminado, fim desejado, cumprimento do propósito para o qual foi feito". Por isso, no versículo apontado Jesus diz que "devemos completar e cumprir o fim para o qual fomos criados; cumprir em tudo a nossa razão de ser". Dessa forma, somos chamados "perfeitos" como Deus, que sempre age e vive de acordo com a verdadeira essência do Seu carácter. A essência do nosso carácter é glorificar a Deus em tudo. Fazendo assim, "somos perfeitos" como Deus, andamos e vivemos na "perfeição cristã".

Há pouco o carro dum condutor bêbado embateu contra o duma família cristã. Morreram a mãe e uma filha menor; o pai e outro filho adolescente foram parar ao hospital gravemente feridos. Do leito de dor o pai disse: "Perdoe no espírito de Cristo, a quem me trouxe tanto sofrimento e peço a Deus que converta o bêbado e lhe perdoe". Em plena dor, esse cristão cumpria e completava a finalidade por que fora criado—*glorificar a Deus em tudo* e imitá-LO em Suas acções e relações. Isto aplica-se não só em tempo de alegria mas também de tristeza. Esse crente ferido anda na "perfeição cristã", como Cristo nos exorta.

Em que consiste a perfeição cristã? Cumprir aquilo para que fomos criados e completar a nossa razão de ser —*glorificar a Deus em tudo*. O amor de Deus reina e domina por completo o nosso coração. Não tenhamos medo da palavra "perfeição". Como Cristo a emprega — é pôr-se de acordo com o carácter de Deus e cumprir a sua natureza fundamental e inata. Fomos criados para glorificar a Deus e viver por Ele. Portanto, a "perfeição" é regressar à normalidade original. □

Graças

Gratidão é hoje uma atitude por demais rara nas relações pessoais. Quase não se ouve alguém agradecer a outro por um favor ou uma ajuda prestados. Pensam algumas pessoas que tudo aconteceu porque devia acontecer ou, então, por uma questão de delicadeza de outros. Até mesmo por obrigação e respeito. Realmente poucos têm despendido tempo para uma palavra de agradecimento. Favores têm sido feitos, mas ninguém se tem sentido obrigado a agradecê-los, como se deles fossem dignos, sem mais nem menos. Pede-se muito; agradece-se pouco.

Certa vez, um homem parou para agradecer. E na sua meditação reconheceu que tudo que tinha, inclusive a própria vida, era uma dádiva de outra pessoa. E lhe chegou uma pergunta à mente: "Que darei ao Senhor por todos os Seus benefícios para comigo?" (Salmo 116:12). Um agradecimento muito difícil de ser feito. Como agradecer à pessoa esta dádiva tão valiosa que nenhum homem pode oferecer: a vida? Já pensou você em agradecer?

E na sua meditação aquele homem resolveu "tomar o cálice da salvação". Mas o que é isto? É reconhecer que além de dar a vida, Deus também quer salvar a alma. Pela fé, recebemos o dom da vida eterna. Deus tem feito um pedido ao homem: "Filho meu, dá-me o teu coração".

E mais ainda: "Invocarei o nome do Senhor". Esta atitude é muito frequente quando estamos em apuros. Quando as coisas apertam, buscamos solução em qualquer fonte, incluindo também a da religião. Afoitamente lembramo-nos de pedir a Deus ajuda. Mas como pedir a alguém que nós não conhecemos? Precisamos de ter intimidade com a pessoa a quem recorremos. E se não temos convivência com Deus, como invocar o Seu nome?

Finalmente, ele — o homem — se lembrou de "cumprir os votos feitos ao Senhor". Muitas vezes nós fazemos pactos com Ele e acabamos por esquecê-los. O Senhor cumpre a Sua parte — "Ele não é o homem para mentir, nem o filho do homem para se arrepender". Nós sentimo-nos desobrigados de cumprir a nossa parte, criando as mais esfarrapadas desculpas. A Bíblia ensina que "é melhor que não votes, do que votes e não cumpras".

Pare e comece a agradecer. Diga *muito obrigado* às pessoas que o cercam e prestam favores. Louve a Deus pelas muitas bênçãos que, sem merecer, tem recebido. Faça renascer esta palavra no vocabulário: *Obrigado*. □

—L. A. VALASSOURA



O MILAGRE REPETIDO

*Emergindo do pó da terra,
(átomo unipresente burilante);
sublimei da criação a obra prima,
pelo hálito da vida em mim soprado.*

*Na policromia do Jardim maravilhoso
conheci minha habitação primeira;
para desfrutar a alegria de viver
Deus me deu uma amável companheira.*

*Era uma felicidade incontida
ouvir a canção do rouxinol
por entre flores, ao despertar do dia;
banhar-me no rio ao nascer do sol.*

*No epinício do milagre da vida,
no palco da natureza exuberante,
embriaguei-me no éter envolvente
daquela paisagem eletrizante...*

*Então cercou-me uma negra nuvem
com um vento soprando forte,
escondendo em seu negro manto
um certo raio de morte.*

*No torvelinho ficou perdida
aquela habitação primeira,
onde a voz de Deus eu ouvia
passeando pelo Jardim
na aragem fresca do dia.*

*Agora a Lei — sentença inexorável:
Voltar ao pó de onde fui tirado,
separar-me da imagem divina,
da fonte da vida em mim soprada.*

*Mas nos braços de uma cruz erguida,
Deus ofertou-me uma nova vida;
à minha tragédia se uniu
e o milagre da vida repetiu.*

—J. ALVES DO CARMO

Quando ainda criança, presenciei em alguns cultos manifestações como a de sair dos lugares e circular pelos bancos, ir até onde se achavam os expectadores, à entrada, para apertos de mãos ou mesmo abraços; e agitar de lenços em vozes vibrantes a contagiar a congregação, cada vez que se escolhia o hino "Na Jerusalém de Deus". Após o canto ouviam-se testemunhos inspiradores que ocupavam o culto. O programa do dia tinha de ceder à espontaneidade, o tempo era esquecido e bem poucos saíam antes das 14 horas, ou até mais tarde.

Tais movimentos deixaram na mente de muitos uma imagem unificada do avivamento; e este passou em geral a identificar-se apenas com manifestações do género, que vários irmãos desejariam ver repetidas. Entretanto, embora os programas devam ser tão flexíveis que haja lugar para que o Espírito se manifeste, há que lembrar que nem sempre as mesmas bênçãos chegam da mesma forma.

Tem havido necessidade de avivamento desde os tempos do profeta Habacuque. Este homem de Deus clamou na sua oração: "Aviva, ó Senhor, a tua obra..." (3:2). O profeta via-se rodeado de muita violência e injustiças, as quais alvejavam especialmente os menos favorecidos. E de modo particular, Habacuque sentiu-se afectado pela indiferença espiritual que votava ao segundo plano, e até mesmo ao abandono, o trabalho do Senhor.

Enquanto isso, uma acentuada influência do secularismo se exercia sobre os mais fiéis, a partir dos dirigentes espirituais. Parece até uma descrição das circunstâncias nos nossos dias. E bem poderíamos fazer nossa a oração dele, ao aproximar-se o fim do ano.

Um clamor por avivamento, mas não nos nossos moldes, senão conforme os métodos de Deus. Não talvez em manifestações colectivas do exterior, mas na quietude de um coração que se permita *sondar*, e possa *decidir* o que *deve fazer* ou *deixar de fazer*, a fim de desobstruir o canal por cujo intermédio as bênçãos de um avivamento pessoal sejam

comunicadas. Resultam delas um relacionamento saudável, não como estejamos a esperar de alguém, mas como esse alguém pode expressar, não forçada mas naturalmente. Nesta linha de raciocínio, talvez o avivamento não se sujeite a qualquer programação, mas há um preço que cada fiel tem de encarar, dependendo tudo isso de *visão, modo e tempo*.

Muitos avivamentos pessoais, sem que sejam sujeitos a pressão, tornam-se colectivos, mas poderão extinguir-se de todo se eu procurar levantar dificuldades intransponíveis, apontando para o próximo, que se me afigura qual "monte que terá de ser removido", porque apareceu no caminho. Acontece que ao procurar remover um "monte", poderei achar-me a remover "caminhos" e a cavar abismos, impedindo passagens que haviam de *ligar* pessoas. E é precisamente isto — uma ponte para outrem — que Deus pretende em todas as actividades neste mundo.

Como poderemos esperar despertamento, enquanto eu procurar convencer-te, irmão, de que tu é que me tens de dar, enquanto vou encolhendo os meus cotovelos, para em nada ceder, "nem uma unha"? O avivamento não será realidade se cada qual, subindo à plataforma da auto-perfeição, insistir em observar os outros pela óptica de "um juiz", para ver os "irmãos" como ramos torcidos que, para servirem na edificação de um "reino subjectivo", terão de ser "distorcidos" com ferramentas do próprio entendimento.

Que no ano sabático de 1990, prestes a terminar, a oração individual seja um pedido ao Senhor, que faça brilhar em cada coração uma Luz, permitindo ver o que esteja a impedir caminho que leve a outros: não como estes esperem, talvez, mas como cada um *pode e sabe*, a fim de haver o *relacionamento* que for viável, segundo recomendou Paulo: "quanto estiver em vós", pois pode dar-se que não dependa totalmente de nós... Por este caminho, o avivamento de alguém poderá atear chama na tenda do seu vizinho e, então, todo o arraial se transformará numa labareda. □

**Aviva, ó Senhor,
a tua obra no meio dos anos..."
(Habacuque 3:2)**

AVIVAMENTO

—ANTÓNIO M. BARBOSA

ESTÁ NAS TUAS MÃOS

O mundo passa por uma crise total. Nuvens escuras têm ocultado o sol da esperança para milhões de pessoas.

Ouvem-se vozes que clamam de todos os lados, desde a passividade vegetativa até a violência destruidora.

O progresso científico já colocou homens na Lua, em laboratórios especiais e, diz-se que poderiam ficar lá permanentemente, seguindo a órbita da Terra.

Contudo, o homem comum persiste na sua luta pela sobrevivência no meio da multidão, onde o seu inimigo é o próprio homem.

Neste cenário estão, vivem e funcionam as Sociedades Bíblicas, há 160 anos. Elas têm uma missão a cumprir: a de entregar ao homem o plano supremo que trará ordem ao caos e atingirá a integração total da personalidade humana.

Mas as Sociedades Bíblicas não podem funcionar sós. Sem a colaboração do leitor, o trabalho é difícil e muito árdua a tarefa.

Está nas tuas mãos a entrega da mensagem da redenção. Pois que direito tem um escravo que foi libertado, de viver tranquilamente, quando milhões de seus irmãos vivem em trevas sem terem escutado o grito da redenção?

Amigo, está nas tuas mãos dar a Palavra da Vida ou retê-la. Ai daquele que reter o que deve ser repartido! A esse sucederá o mesmo que aos israelitas que, por guardarem o maná só para si, o deixavam estragar.

“Por seus frutos os conhecereis”. Ao homem que esteja a afogar-se devemos atirar-lhe um salva-vidas—e não um manual com doze lições de natação. Muitas vezes o nosso tema gira à volta do significado de termos da Bíblia e gostamos de fazer “acrobacias” mentais para mostrar que estamos seguros—quando na realidade, estamos perdidos e necessitados urgentemente de um salva-vidas.

Está nas tuas mãos, pastor, demonstrar com atitudes que tu crês na Bíblia, na sua mensagem e na importância que ela tem para o homem nesta hora de crise. Se não alertares a tua congregação do perigo em que vivemos, quem o fará? Esta tarefa está nas tuas mãos.

Está nas tuas mãos, crente no Senhor. Não esperes por uma resolução oficial da junta da tua igreja. Começa desde hoje a partilhar a Bíblia. Se o não fizeres, o teu semelhante perder-se-á eternamente. Começa no lugar onde agora mesmo te encontras. Esta tarefa está nas tuas mãos.

Jovem visionário e energético: está nas tuas mãos, também, a tarefa. O teu companheiro de escola quer mudar as estruturas; tu estás disposto a enfrentar a luta com intrepidez, mas descobres que dentro do teu próprio ser as estruturas são débeis e assentam sobre areia movediça—e tu não tens forças para resistir às pressões exteriores.

Está nas tuas mãos, jovem, colocar no mais recôndito dessa personalidade rebelde o firme fundamento de que ela necessita: a Palavra escrita, ou seja, a Bíblia, que nos revela o revolucionário mais autêntico e glorioso de todos os tempos—Jesus Cristo.

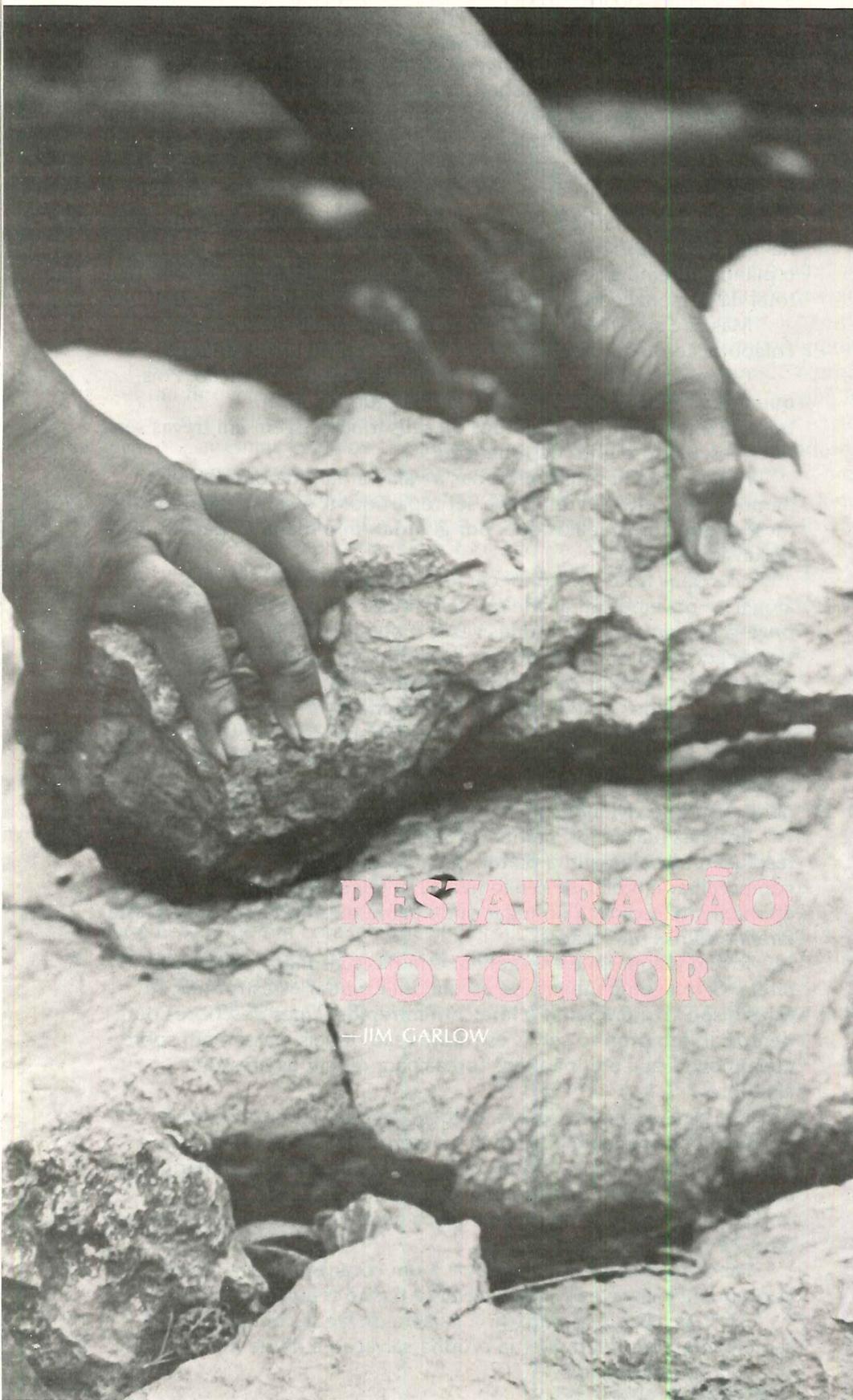
Permitirás que o teu companheiro morra, sem descobrir quem é Cristo e que n'Ele está a vida?

Fechar as mãos em obediência a um coração egoísta, trará consequências graves e incalculáveis a ti e ao teu próximo.

Abrir as mãos para repartir a Palavra de Deus com o teu semelhante, redundará na tua própria salvação e na de mais alguém.

Está nas tuas mãos!

—RONALD DENTON



RESTAURAÇÃO DO LOUVOR

— JIM GARLOW

O tema central da Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, é louvor, veneração e adoração a Deus.

O Antigo Testamento descreve cinco períodos diferentes de restauração, isto é, restabelecimento da verdadeira adoração a Deus e do arrependimento de Israel. Os israelitas passavam por declínio espiritual, tempo em que se afastavam da adoração ao Deus de seus pais; depois, arrependiam-se e restabeleciam o culto.

Todas as vezes que se arrependiam surgia o restabelecimento da adoração ao estilo do rei Davi. Sempre que um povo ou pessoa se arrependem há regozijo.

A nossa igreja local tem sido acusada de emocionalista porque os crentes, ao adorar a Deus, expressam sua alegria, por vezes durante longos períodos. Mas não somos emocionalistas. O emocionalismo é um fenômeno passageiro cujos efeitos desaparecem ao sair alguém do templo ou mesmo antes disso. Por outro lado favoreço a expressão honesta de emoção emanada dum coração obediente.

Quando alguém é purificado por Deus — já não abriga pecados secretos ou não confessados na sua vida e vive ciente de que Ele fez uma obra divina — começa a manifestá-lo em formas exteriores e muito particulares. Seu louvor e adoração a Deus são visíveis, óbvios. O mesmo acontecia com os israelitas da antiguidade.

O povo começava a restaurar os locais de adoração ao Deus verdadeiro. A história repete-se em toda a Bíblia. Os nossos templos são limpos e convidam à adoração, porque Cristo vive e é neles que O adoramos. Além disso, os israelitas começavam a levar suas ofertas ao templo. A

mordomia de nossas posses está intimamente ligada à adoração tributada a Deus.

Que acontece quando o povo louva a Deus?

Muda o conceito de si mesmo. Reconhece a sua filiação divina, mesmo que no mundo seja considerado o último ou o mais desprezível da sociedade. Então o coração enche a boca de louvor a Deus que o eleva e redime. Só o Senhor é digno de louvor.

Um dos estorvos principais ao louvor e adoração é o pecado não confessado a Deus. Devemos incentivar a confissão de faltas uns aos outros no decurso do louvor. Um irmão que ofendeu outro deve pedir-lhe desculpa e confessar a sua falta. É difícil adorar a Deus com algum pecado não confessado.

O crente que louva a Deus recebe capacidade e técnica para sobreviver. Torna-se mais que vencedor. Ultrapassa as crises da vida. Creio que Deus faz milagres, mas em parte procura ajudar-nos a passar ilesos nos momentos difíceis. A capacidade de sobreviver aumenta notavelmente quando aprendemos a louvar a Deus mesmo no meio de tempestades.

A unção do Senhor é derramada sobre nós. O inimigo é destruído. Começamos a cantar o Salmo 8: "Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra!" (v.1). A seguir diz que o louvor faz "calar o inimigo e vingativo" (v.2).

Que é o louvor? Haverá diferença entre adoração e louvor.

O louvor é celebração efusiva. Em certas culturas o louvor toma a forma de dança, mas difere muito daquilo a que chamamos baile. Por exemplo, entre judeus e alguns povos árabes formam grupos de três ou quatro pessoas que dançam para louvar a Deus.

Noutras regiões louvam-no batendo palmas compassadamente. O essencial de tudo isto é honrar ao Senhor na Sua grandeza.

A adoração é diferente. Em geral vem a seguir ao louvor. Realmente a maioria dos cultos de adoração acabam por perder o seu propósito.

Então, que é a adoração? Temos um exemplo no capítulo 6 de Isaías. Começemos pelo v.1: "No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi ao Senhor". No hebraico a palavra Senhor é *Adonai*. Não é o único termo usado no Antigo Testamento referente a Deus. Também emprega, entre outros, *El Shaddai* e *Yahweh*. Cada um destes termos tem significado especial. *Adonai* refere-se a Deus dono de tudo que existe. Pertence-Lhe e Ele domina todo o universo.

Isaías registou no seu livro a morte do grande rei reformador Uzias. Não só o profeta mas muitos fiéis criam que o rei os conduziria a um avivamento, a uma grande reforma religiosa. Mas morreu cedo e as esperanças desvaneceram-se. Perante tal situação, que pensar de Deus? Simplesmente que Ele é *Adonai*, o dono e controlador de tudo que existe.

Nos versículos seguintes, 2 a 4, descreve-se a adoração, não o louvor celestial. Não fala de danças nem de aplausos efusivos. Apenas de adoração pura. No v.5 Isaías diz que "está a falecer". É impossível chegarmos ao trono de santidade do Altíssimo sem estarmos cientes da nossa fraqueza. Essa é adoração. E nunca foi fácil.

Vejam outro exemplo no Novo Testamento. Lucas 5 fala da pesca nocturna de Pedro e seus companheiros. De manhã regressaram à praia sem peixe. Jesus aproximou-se deles e sugeriu a Pedro que lançassem

de novo as redes no mar alto. O impetuoso pescador obedeceu, apesar do estado em que se encontrava. Certamente teria pensado: "Que sabes Tu, carpinteiro da Galileia, acerca de pesca? Talvez saibas fazer uma cadeira, mas eu sou pescador de profissão. Além disso, estás bem descansado; ao passo que nós trabalhámos inutilmente toda a noite. Estes são os homens da minha companhia de pesca..."

Apesar disso, Pedro lançou as redes e o milagre aconteceu! Até as redes se rompiam com tanto peixe. De regresso, nada disse a Jesus acerca da pesca milagrosa. Apenas suplicou: "Senhor, ausenta-te de mim, que sou um homem pecador" (v.8).

Essa é adoração. Não Lhe perguntou como sabia que havia tantos peixes nesse lugar. Nem comentou o trabalho que iria ter em consertar as redes. Simplesmente decidiu adorá-LO.

Pedro compreendeu nesse incidente que Jesus penetrava e conhecia o que ele desconhecia, e que não se tratava duma pessoa qualquer. Reconheceu-O como Deus. Era como se dissesse: "Eu nem sequer sou digno de desatar a correia dos teus sapatos. Tu és o Filho do Deus vivo".

Essa é adoração. E, como tal, não ocorre com frequência na vida do corpo de crentes, a igreja. Apenas em ocasiões esporádicas. Então reina na congregação um silêncio místico, sagrado. Para algumas pessoas esses momentos são incómodos porque se vêem diante de Deus tais quais são. Bastam alguns minutos para que os fiéis vejam a sua verdadeira condição.

Toda a congregação deve experimentar esse silêncio agradável, o doce aroma da presença de Jesus na adoração, sem entretanto descuidar o louvor no tempo devido. □



Dão-se alvíssaras!
Na minha vizinhança aparecem, de quando em quando, anúncios apostados nos quais se lê, mesmo à distância, o apelo de quem busca um gato ou cão perdido. Alguns prometem alvíssaras generosas, outros falam de crianças inconsoláveis com a perda dum animal de estimação.

E se puséssemos cartazes pela comunidade inteira à busca desse bem perdido, a *gratidão*? Ninguém fala aqui dos oportunistas que se abeiram de mãos estendidas, para se tornarem invisíveis depois de usufruírem favores de toda a espécie, isso quando julgam seco o manancial de que se beneficiaram em tempos de crise. Pelo seu próprio conceito do recebido, são incapazes de gratidão genuína, pois fecham os

olhos ao quanto, ou subestimam o favor, considerando-o coisa merecida ou que lhes era mesmo devida. São membros do "Clube dos Nove", grupo que irritou Jesus no episódio da cura de dez leprosos (Lucas 17:12-19).

Um político europeu desagradou a muitos quando classificou de "gravatinha" a considerável ajuda financeira que o Canadá dera ao seu país. Tem-se evocado ultimamente a política da responsabilidade colectiva, na qual países em apuros financeiros se situam na posição de esperar (e até exigir) ajuda de todos os outros, não como favor mas como "reparo" por erros políticos ou "injustiças seculares". Se este espírito se universalizasse, abrangendo na prática interna e externa os mesmos países que o evocam

para ganho próprio, teríamos, enfim, uma irmandade global. Entretanto, sempre que for regido pelo princípio "O que é meu é meu e o que é teu é nosso", continuará a ser pomo de discórdia nas arenas políticas e também à volta da mesa do jantar.

Mas enquanto os políticos discursam as suas desavenças, continuemos a nossa busca da gratidão. Se houvesse para isso uma bússola especial, o Norte dela seria chamado *Memória*. Lembra-te. O salmista Davi suplicou à sua própria alma: "...não te esqueças de nenhum de Seus benefícios". Lapsos de memória traumatizam o nosso sentido de gratidão. Em tal caso, em vez de agradecermos a Deus e a outrem por bens e favores recebidos, "agradecemos" por aquilo que nos julgamos ser. É o caso do fariseu em oração diante do espelho da sua própria vaidade: "Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou dizimos de tudo quanto possuo" (Lucas 18:11 e 12). Pilar da igreja? Membro exemplar? A Bíblia apenas observa que este homem cheio de si voltou para a casa vazio de Deus...

Lembrar bênçãos de Deus ou favores de homens não deve ser um exercício concebido para sufocar a auto-estima, degradar a nossa importância e valor, reduzindo-nos à condição de indigentes à mercê da caridade pública. O versículo mais repetido do mundo grava em bronze a força motivadora do Altíssimo: Deus *amou* o mundo de tal maneira que *deu*... (João 3:16). E os seguidores do Senhor em todas as eras e latitudes têm descoberto que o amor continua sendo a alavanca que move a generosidade humana. É precisamente a consciência da identidade comum e do elevado

valor social e espiritual de qualquer ser humano que nos leva a censurar governos repressivos; a defender os direitos da infância; a combater a fome, doenças e epidemias; a educar as massas; e a advogar a igualdade de cada indivíduo, não importam a sua raça, cor, naturalidade, cultura ou outra barreira que outros desejem levantar à sua entrada na fraternidade universal.

Quando perdemos a memória perdemos também a identidade. Há tempos saiu do avião uma senhora que por horas deambulou pelo aeroporto da minha cidade, até despertar a atenção de muitos que a julgaram desorientada ou perdida. Descobriu-se que a mulher não se lembrava do seu próprio nome, da família, donde viera e para onde ia. À noite, o noticiário da televisão mostrou-a ao país pedindo ajuda de qualquer familiar ou conhecido. Apareceram dentro de horas o marido e a irmã. O triste é que, mesmo quando reunidos, a senhora, vítima de amnésia, não pôde reconhecer qualquer deles. Do seu olhar vazio desaparecera todo o calor da intimidade familiar.

Quão importante nos será a faculdade de lembrar? O próprio Jesus instituiu a Santa Ceia não para ser uma rotina litúrgica mas como um exercício à memória espiritual do crente: "Fazei isto em memória de mim" (Lucas 22:19; I Coríntios 11:24 e 25). Deixemos, pois, que a lembrança do bem recebido norteie a nossa busca da gratidão. A descoberta de "quantas maravilhas o Senhor já fez" (L.A. 60), abrirá nossos corações em louvor genuíno. No prolongamento deste mesmo espírito de lembrar, reconhecer e celebrar, encontraremos também sobejas razões de ser um pouco mais gratos para com os que uma vez ou outra nos ajudaram. □

A internacionalização é uma grande ideia. E há um bom grupo de crentes capacitados à volta do mundo que a querem pôr em prática. Uma dessas pessoas é Julie Macainan, presidente do Instituto Bíblico Nazareno Visayan, na cidade de Cebu, Filipinas.

Ela diz: "O meu sonho é ver a igreja filipina a amadurecer e a tornar-se responsável no auto-governo". Os missionários poderiam continuar a prestar ajuda valiosa, explica ela, mas somente de apoio, sendo filipinos os verdadeiros líderes.

Julie é a única evangélica numa família de 14 pessoas. Depois de se graduar numa universidade chegara a ser assistente do administrador geral numa organização de trabalho social. Certo dia numa rua de Manila ouviu duas senhoras falarem inglês. Como desejava melhorar os seus conhecimentos do idioma, parou a escutá-las. As duas senhoras, que eram missionárias nazarenas, notaram a sua presença e incluíram-na na conversa.

Convidaram-na a assistir à Igreja do Nazareno e Julie decidiu aceitar. Apesar da oposição dos pais, converteu-se e deixou o trabalho secular para estudar no Instituto Bíblico Nazareno de Visayan.

O Dr. Kenneth Rice e a esposa (nessa ocasião ele era um dos directores executivos na sede internacional) conheceram-na numa visita às Filipinas e ofereceram-se para a ajudar a continuar os estudos no Seminário Teológica Nazareno em Kansas City. Enquanto ela estudava no Seminário, trabalhou no Departamento de Ministérios de Adultos e ficou hospedada na casa da família Rice.

Depois de se graduar regressou a Filipinas para ensinar e cuidar das matrículas no Instituto Bíblico Nazareno de Visayan. Em 1984 foi eleita presidente dessa instituição de ensino.

A sua vida anterior no mundo de negócios combinada com a preparação teológica e o trabalho no instituto deu-lhe algumas perspectivas muito particulares sobre a evangelização a diversos grupos.

Segundo ela, um problema que existe nas relações pessoais entre diferentes culturas é a tentação de generalizar: "Quando um líder, numa dada cultura, falha no seu trabalho, é fácil concluir-se que todos os outros também irão fracassar".

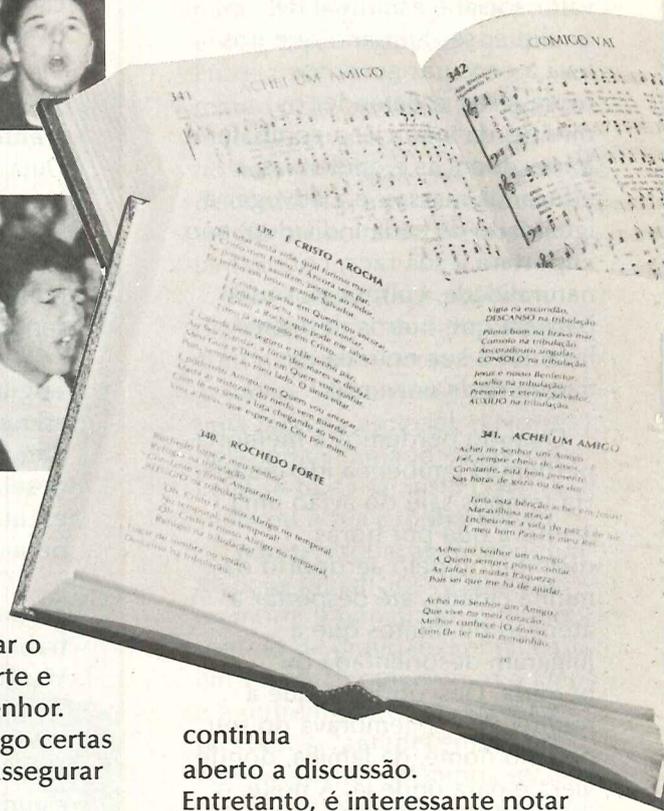
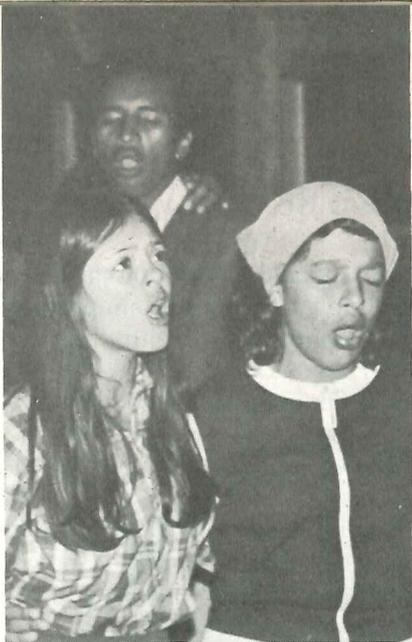
Declara mais que a questão do dinheiro pode converter-se rapidamente em algo sensível. Ela espera que à medida que a igreja vá trabalhando em diferentes culturas tenha relatórios pormenorizados, completos e acessíveis aos dirigentes. Preocupa-a a aparente falta de fundos suficientes para o evangelismo directo.

Pode surgir outro problema no processo de passar toda a autoridade a líderes nacionais. Mas ela diz que uma espera prolongada antes da transferência de autoridade para fazer decisões, pode "paralizar" nacionais competentes. Julie diz que "deseja ver mais asiáticos participarem das grandes decisões".

Na sua participação recente numa conferência de Instituições Universitárias Nazarenas, realizadas na Universidade Nazarena de Olivet, ela mencionou que as universidades norte-americanas necessitam compreender melhor as diferentes culturas e grupos étnicos representados nessa reunião.

Qual a oração mais importante para Julie? "Um verdadeiro avivamento, tanto nos corações dos missionários como no dos crentes de cada país". □

—HOWARD CULBERTSON



O Ministério

Considerando a música como parte básica da nossa vida — religiosa e secular — parece que deveríamos ter dela uma melhor compreensão: seu propósito, poder e uso. Teremos?

A música constitui 40% ou mais de cada culto, por isso, deveríamos reconhecer o seu uso para ministrar com eficácia a nossas necessidades espirituais. Estamos tão habituados na vida diária a ter música como entretenimento que, quando adoramos a Deus temos dificuldade em captar o propósito do seu ministério no culto. A música sagrada é agradável e deveria continuar a sê-lo. No entanto, a sua finalidade é criar uma atmosfera de adoração e não de divertimento.

A música começou com Deus — é eterna. Existiu com Deus antes da criação e existirá eternamente. O Senhor usou querubins e serafins para Lhe cantarem louvores. "Santo, santo, santo é o Senhor Deus", ecoaram eles nas regiões celestiais antes da criação da terra e da humanidade.

Quando Deus criou o homem soprou nele o fôlego da vida e ele se tornou "alma vivente". Como tal, o homem foi dotado

de capacidade para imitar o Criador, reproduzindo arte e música para glória do Senhor. Este talento trouxe consigo certas responsabilidades para assegurar o seu uso adequado.

Em Génesis 4:21 Deus nomeou Jubal pai da arte de música, hábil em tocar flauta e harpa. Foram treinados cantores, formados coros e inventados instrumentos — tudo para glória de Deus — e o Senhor abençoou o povo com Sua presença (II Crônicas 11:14). Apocalipse revela que os céus serão um lugar de música abundante (14:2-3). A música é um dom especial que Deus nos concedeu — um dom eterno.

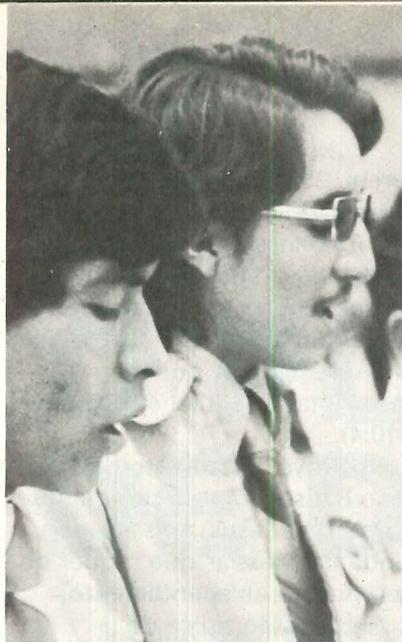
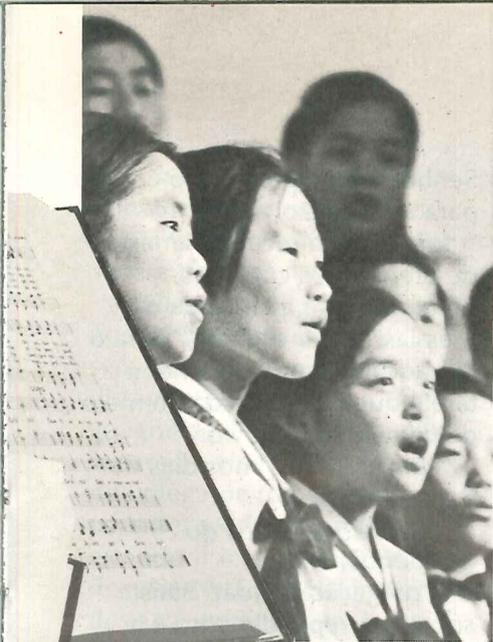
Apesar de conhecermos música há tanto tempo, ainda não compreendemos totalmente o seu poder na nossa vida. Séculos antes do nascimento de Cristo, alguns filósofos declararam: "Dêem-me a música duma nação e não importa quem faça as leis". Tem-se atribuído aos hinos grande poder em determinadas escalas. Esse poder poderia afectar a forma como alguém cresce e se desenvolve.

Têm surgido grandes discussões sobre se a arte, como a música, ajuda a moldar um país ou se uma nação nobre produz arte notável. Este debate

continua aberto a discussão. Entretanto, é interessante notar que quando um país começa a declinar em grandeza, acontece o mesmo com sua arte (música). A arte degenera com a sociedade em declínio. Lúcifer foi um dos músicos de Deus antes da sua queda. Ele conhece bem o poder da música e usa esse conhecimento com eficácia na nossa vida.

É digna de nota a comparação entre música e grandes nações e música e grandes religiões. Que significará tudo isto para a Igreja do Nazareno? A nossa Sião nasceu dum desejo ardente de espalhar as boas novas da inteira santificação. A música foi parte vital dessa proclamação. Logo em 1905 a Igreja do Nazareno produziu o seu primeiro hinário — *Ondas de Glória*.

Antigos relatórios da igreja revelam vitalidade e espírito na sua música que levava as pessoas a se unirem ao grupo alegre de crentes. Os grandes hinos de Wesley e Watts, bem como cânticos evangelísticos de Harris e Morris, forneceram avenidas através das quais os nazarenos



de Música

davam glória a Deus e testificavam aos seus amigos.

Foi importante o uso do hinário para os primeiros nazarenos porque continha grandes verdades doutrinárias. As congregações cantavam repetidas vezes os hinos, absorvendo suas verdades e significado. Os fiéis conheciam tão bem a música que só eram impressas as palavras na maioria dos hinos wesleyanos. O hinário era frequentemente apontado como a "Bíblia do leigo". Deus criou-nos de tal modo com natureza musical que quando as palavras se unem à melodia, a mensagem é recordada mais tempo e com mais rápido apelo para as necessidades que surgem.

No passado, sacerdotes cantavam (salmodiavam) porções da sua liturgia — isso não era por acaso. A união da sua mensagem à música permitiu as pessoas decorarem seu conteúdo para enfrentarem cada crise ou circunstância da vida.

Onde nos encontramos quanto ao ministério de música da nossa igreja? Na prática somos tão variados como a "túnica multicolor de José". Usamos música mas nem sempre efectivamente. Permitimos que grandes hinos doutrinários sejam

substituídos por cânticos superficiais, não bíblicos, de estilo popular. Chamamos-lhes coros evangélicos, embora muitos não tenham uma única fibra do evangelho!

Também com o aumento de programas esmerados de música temos esquecido a congregação. Aqui reside o perigo de falharmos em desenvolver bons hinos congregacionais que elevem e edifiquem a fé dos crentes.

Recordemos a nossa herança. A Igreja do Nazareno nasceu no espírito de avivamento do canto congregacional. O nosso povo aprendeu e cresceu pela quantidade e qualidade da música. Como cristãos dotados de capacidade de produzir música, não esqueçamos a responsabilidade de impedir que a música mundana domine a nossa vida. Satanás entende de música. Conhece o seu poder e como usá-lo para enfraquecer a nossa fé. É um mensageiro falso — não deixemos que ele nos engane.

Mantenhamos a nossa herança tradicional de música baseada na Bíblia. Cantemos os hinos com vitória, entusiasmo e poder. Este tipo de música intensifica o ministério total da igreja e edifica

o nosso povo na sua fé sagrada.

Os departamentos de música das instituições nazarenas de ensino sentem esta responsabilidade e necessidade para a nossa igreja. Estamos no processo de treinar homens e mulheres que sejam ministros poderosos de música, que sintam e compartilhem esta preocupação e que procurem hinos evangélicos como o pastor busca o texto para a sua mensagem.

Pelo menos, metade dos professores de música das nossas faculdades ministram música em Igrejas do Nazareno. Muitos dos nossos alunos estão igualmente servindo em igrejas locais no ministério de música. As nossas escolas procuram formar alunos cheios do Espírito, músicos competentes que mantenham a nossa posição histórica dum ministério vital de música doutrinária que desenvolva congregações felizes que cantem e cresçam em espírito e poder.

A tarefa é excitante. Procuremos transformar a música num verdadeiro ministério. Poderemos aceitar um alvo inferior, quando depende tanto do seu êxito a nossa salvação eterna?

—FRED A. MUND

Inicia-se a celebração do Advento quatro domingos antes do Natal. É o período que o antecede. A palavra Advento significa vinda, chegada, aparecimento, começo. Nessa época realçamos a profecia que prepara a vinda de Jesus Cristo. As profecias são os fundamentos que caracterizam a vinda do Messias. O Antigo Testamento anuncia o Advento sob duas perspectivas:

1) Deus mesmo, por compaixão, zelo e fidelidade à Sua aliança, manifesta soberania sobre o Seu povo. As profecias anunciam um acontecimento sem precedente: a vinda, a chegada, a volta do próprio Javé à procura do Seu povo, tornando-Se Pastor de Israel (Ezequiel 34:11); e revelando-Se tanto sobre Jerusalém quanto sobre todas as nações (Isaías 46:9-13; 52:7s; Zacarias 1:3,16; 2:9-13 e 8:2s).

2) As profecias são anunciadas pelos profetas em diversos momentos da história de Israel.

É anunciado o advento de um Rei dos últimos tempos, herdeiro das promessas feitas a Judá (Gén. 49:10) e a Davi (II Samuel 7:16;

Jerem. 23:1-6). Também é anunciado como Juiz (Isaías 40:10); o instaurador da paz (Isaías 9:6 e 11:6); aquele que promoverá a reconciliação entre os povos (Isaías 2:2 e seg.) e que virá revestido de poder sacerdotal (Ezequiel 43:5; Salmo 110:4).

No Novo Testamento aponta-se João Batista como o profeta que antecede a Jesus, pois anuncia a vinda do Messias que requer de Seu povo o arrependimento.

A expressão típica do antecessor de Jesus é "arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus" (Mateus 3:2). Deus está próximo! Esgotou-se o prazo de espera! É isto que João Batista veio transmitir.

Entretanto, ainda lembra a profecia de Isaías: "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor: endireitai, no ermo, vereda a nosso Deus" (Isaías 40:3).

A voz profética de Isaías ressoa, agora, de maneira inaudita. Ele convoca a todos para preparar a chegada do

Senhor, isto é, preparar o cortejo para a recepção!

João Batista recebeu a missão de preparar os corações humanos para a chegada do Messias. "Abrir estradas" para o Salvador passar é encarnar a tarefa que Deus nos dá no meio de dificuldades da vida.

"Abrir estradas" nos dias de hoje significa:

1. *Produzir frutos do arrependimento*

A pregação de João Batista sobre o arrependimento e a conversão não é um mero acontecimento do passado, é também do presente! Por isso, hoje, todos somos chamados a produzir frutos do arrependimento. Esses frutos não significam apenas cumprir todos os ritos e leis como fizeram os fariseus e saduceus. Não é suficiente ter uma religião e ficar aguardando o dia da salvação. Necessário se faz manter um empenho, dedicando-nos constantemente à procura de frutos através do arrependimento e da conversão. É necessário entrar em caminhos novos que nos libertam do nosso egoísmo e que nos levam ao encontro com o outro, o próximo, a criatura em

ADVENTO: **PREPARANDO O CAMINHO** **PARA A CHEGADA DO MESSIAS**

—SÔNIA ELY



que se acha a imagem e semelhança do próprio Deus.

2. *Diminuir a distância que nos separa uns dos outros*

Muitas vezes, grande distância nos separa de nossos semelhantes. Nem sempre esta distância pertence à ordem geográfica. Podemos estar separados dos nossos vizinhos, do colega de trabalho e dos parentes e amigos, mesmo estando fisicamente perto uns dos outros. É de vital importância destacar que para um bom relacionamento pessoal é necessário que haja também diálogo.

A função do cristão diante da separação é abrir novos caminhos que levem as pessoas a se encontrarem e a conviverem de maneira justa e amorosa. Deus deu-nos o exemplo: estávamos longe e Ele abriu o caminho até nós! Veio em busca do ser humano.

3. *Abrir estradas de esperança*

Se estivéssemos sozinhos no esforço de preparar o caminho do Senhor, talvez tivéssemos razão para desânimo. Mas não estamos sós.

Ao amarmos uns aos outros fazemo-lo na convicção de que o futuro não está em nossas mãos, mas nas de Deus. Acolher os outros, apesar de divergências, sem exigir que se tornem como nós, é abrir caminho e sair do isolamento. Jesus veio para salvar judeus e pagãos, sem qualquer distinção. Ele se doou a Si mesmo através do serviço à humanidade, como caminho, verdade e vida. Ele é o caminho que nos conduz ao Pai (João 14:6).

Concluindo, podemos afirmar que a caminhada em busca de uma sociedade mais justa para todos deve ser o sentido mais profundo da alegria e da esperança de mais um Natal que o Senhor nos convoca para celebrar e reviver.

(Voz Missionária)

Um Testemunho

O PLANO DE DEUS

—ELINARDO ARRAIS DE OLIVEIRA

Foi através da Igreja do Nazareno de Nilópolis que conheci este caminho maravilhoso e o verdadeiro significado de uma vida salva e entregue nas mãos de Deus. É muito importante colocar o nosso futuro nas mãos do Senhor e cumprir cabalmente a Sua Palavra que diz: "Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele e ele tudo fará" (Salmo 37:5).

Esta experiência é real e o desejo de servi-IO tem sido o alvo da minha vida. Sei que Deus tem um plano para cada pessoa que se submete à Sua vontade.

Foi neste período que comecei a ouvir a voz do Senhor a chamar-me para o ministério. Tive muitas dificuldades. Surgiram à minha frente muitos empecilhos. Mas adquiri forças no Senhor para vencer. Assim as portas do seminário abriram-se e lá ingressei. A vida dum seminarista é conquistada pela fé no nosso Senhor Jesus Cristo, pois a única coisa que nos faz cumprir o chamado é a fiel e potente mão de Deus. "Não temas, eis que estarei contigo por onde quer que andares". No seminário encontrei uma nova família, muita compreensão por parte dos professores e muita camaradagem entre os alunos, pois o que nos une é o amor de Deus.

Só tenho motivos para louvar o Senhor, pois Ele tem sido maravilhoso para comigo. As bênçãos são inúmeras e hoje cumpro o meu ministério na Igreja do Nazareno em Contagem, onde vejo um campo vastíssimo e muitas pessoas carecendo do Evangelho. Contudo, o Senhor tem acrescentado, dia após dia, as pessoas que têm sido salvas. Nós temos uma mensagem de esperança e de orientação para cada indivíduo que deseja cumprir o plano de Deus para a sua vida, pois o Senhor é real.

Estou disposto a fazer a vontade de Deus e a colocar todos os meus esforços na Sua obra. Sei que Ele estará comigo por onde quer que eu ande.

Dou graças a Deus pelo Evangelho que me alcançou e pelo gozo que sinto em me enquadrar no plano de Deus.

Que Jesus seja uma realidade em nossas vidas.

"Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade"

[33 Timóteo 2:15].

Estratégia para as Grandes Cidades

—GEORGE E. RENCH

Numa lista recente das 25 maiores cidades do mundo, contei sete na região da Ásia-Pacífico. Estas cidades têm uma população superior a 82



milhões de habitantes. Até o ano 2000 será acrescentada mais uma, ficando a Ásia com oito das 25 e com uma população antecipada de 132 milhões. A nova cidade que se acrescentará à lista é Bangucoque, onde acaba de entrar a Igreja do Nazareno.

Com estatísticas tão surpreendentes é óbvio que se tenha uma estratégia para alcançar quantos vivem nesses grandes centros populacionais. Tenho-me perguntado algumas vezes como consideraria Jesus as grandes cidades, se vivesse hoje na terra. Creio que já sabemos.

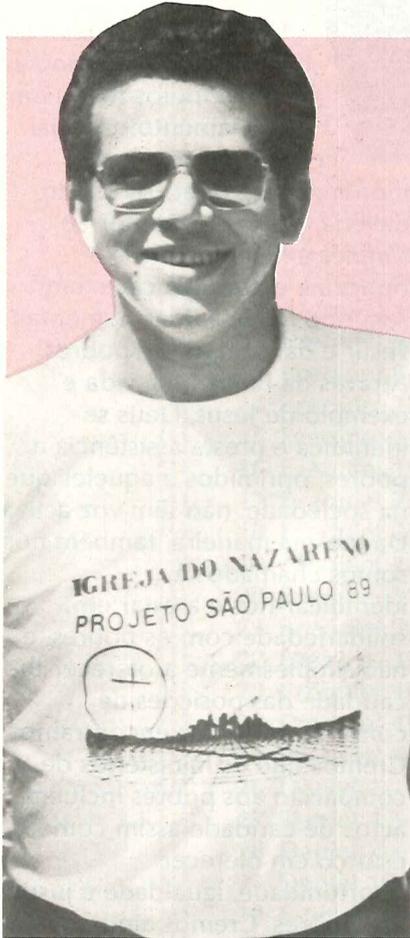
1) Teria amor e interesse por elas. Mateus 9:36 diz: "E, vendo a





multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes, como ovelhas que não têm pastor”.

2) Ao saber do juízo futuro e da destruição, veria as grandes



cidades como viu Jerusalém. Em Lucas 19:41 lemos: “E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela”. Jesus chorou sobre a cidade, porque viu multidões eternamente perdidas e isso Lhe quebrou o coração.

3) Ele queria que prestássemos atenção às grandes cidades prontas a serem evangelizadas. João 4:35 diz: “Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa”. Isto é ver as grandes multidões através dos olhos de Jesus. Ele viu-as não somente como uma massa mas também como indivíduos que sofriam e eram receptivos ao evangelho.

Portanto, a melhor maneira de estabelecer uma estratégia para evangelizar as grandes cidades é observar a tarefa através dos olhos de Jesus —vendo necessidades, oportunidades e pensar como Ele percorreria hoje as ruas de Jacarta, Manila, Tóquio ou Seul. Isto é o que os peritos em crescimento da igreja chamam “olhos de crescimento da igreja”.

Tanto os líderes nacionais como os missionários necessitam duma estratégia para impacto nas grandes cidades da nossa época.

As estratégias devem ser específicas, de acordo com as necessidades. Nenhuma estratégia particular será efectiva em todas as situações, embora ocorram na mesma área geográfica. Uma estratégia para Manila com um fundo católico romano tem de ser muito diferente doutra para Jacarta onde a maioria é muçulmana. Xangai e Tóquio (onde se pratica o xintoísmo) exigirão um método diferente do de Seul.

Mesmo assim, há pelo menos quatro qualidades que uma estratégia válida deve ter para alcançar as grandes metrópoles. A primeira é localizar pessoas receptivas. Algumas estão escondidas mas Deus preparou-as para O receberem nesta época particular da história. Em cada cidade haverá segmento receptivo ao evangelho. Devemos procurar estas pessoas e concentrar nelas energias e recursos.

A segunda é que os crentes, especialmente os recém-convertidos, conduzam seus familiares e amigos a Cristo. A forma mais eficaz de evangelizar continua a ser aquela em que as pessoas alcançam outras com algo em comum. “Cada um ganhar um” é mais que um adágio. É uma estratégia que pode funcionar e ter êxito em qualquer lugar.

A terceira estratégia básica é

multiplicar igrejas, classes de Escola Dominical, estudos bíblicos. O alvo da nossa denominação de estabelecer 730 novas Igrejas Nazarenas à volta do mundo necessita do nosso apoio. Cada igreja deve ser estimulada a fundar uma nova.

A quarta estratégia é assegurar-nos que os nossos esforços evangelísticos estejam centrados nas pessoas e em suas necessidades. Robert Schuller disse: “Encontre uma necessidade e satisfaça-a”. É uma boa estratégia que resulta em qualquer lugar.

A Igreja do Nazareno tem um plano e uma estratégia para a região da Ásia-Pacífico. No ano passado mudaram as primeiras famílias missionárias para Bangucoque, Tailândia — uma cidade gigantesca com 9 milhões de habitantes. Durante o ano de 1990 Hong Kong tem sido e continua a ser o centro de atenção para o estabelecimento de novas igrejas. Em 1991 os olhos da nossa igreja estarão postos em Seul, Coreia, através da ênfase “Impacto às Cidades”.

A área do Pacífico está a crescer e a transformar-se dramaticamente. Quase ultrapassa a nossa compreensão ver que em 1900 só havia onze cidades com mais de um milhão de habitantes. Calcula-se que no ano 2000 só a Ásia terá mais de 42 cidades com mais de um milhão e com uma população total de dois biliões. Ocorre grande crescimento económico no Japão, Taiwan, Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e Tailândia. Reconhecer o potencial humano e financeiro dos países do Pacífico requer estratégia, não só para evangelizar e organizar igrejas mas também para confortar, incentivar e equipar pessoas. Por sua vez, elas se convertem em países que enviam missionários e recursos para outros lugares. Essa é a nossa estratégia. □

O Manual é Também Para os Jovens

CHAMADA PARA SERVIR... ESTILO DE JESUS

—RICK POWER

O Manual da Igreja do Nazareno contém algumas declarações extremamente importantes sobre nossa fé e práticas. O de 1989 inclui algum material totalmente novo. Uma declaração recente será tão inspiradora que desejo certificar-me de que os leitores tenham consciência dela. Estes dois novos parágrafos facilmente nos escapariam; vêm escondidos na secção denominada "Apêndice". De acordo com o dicionário, o "apêndice" é, em anatomia física, a parte do corpo que não tem "função conhecida". Pode ser removida e a sua falta nunca sentida. Mas o apêndice em nosso *Manual* não é um extra "descartável". Ele contém parte do material mais importante e relevante do livro inteiro.

Abaixo estão impressos dois parágrafos intitulados "Responsabilidade Para Com os Pobres." Tome tempo para os ler. Os delegados à Assembleia de 1989 votaram adotar esta declaração porque acreditaram que ela expressa convicções sustentadas por nazarenos. Se realmente acreditarmos nestas sete declarações e as levarmos a sério, elas farão uma diferença notável na maneira como vivemos. E é sempre a maneira como vivemos, e não o que dizemos, que mais testifica sobre o que realmente acreditamos.

Quem são os pobres? São aquelas pessoas incapacitadas de prover as necessidades básicas da vida para si próprios e suas famílias. As coisas que a maioria de nós acha comum, tais como um lugar para morar, roupas apropriadas e comida na mesa, constituem uma luta constante

para os pobres.

Talvez você os conheça por outro nome...desabrigados, famintos, desempregados, órfãos e vagabundos. Mas não importa onde quer que more—cidade, subúrbio ou fazenda—você não está longe de pessoas pobres. Sendo assim, você deverá então entender a dor de coração, sofrida por quantos pertencem a uma classe de seres humanos mal compreendida, geralmente maltratada.

Centenas de alunos e jovens adultos se reuniram na Universidade Nazarena de Point Loma para o evento "São Diego '89," conferência designada para ajudar jovens adultos a desenvolver um estilo de vida de serviço. A palavra chave é serviço. Missões e ministérios de todos os tipos foram considerados, mas a ênfase focou o serviço no estilo compassivo de Jesus. *Ouse Correr com Compaixão*, nos leva a examinar nossas vidas à luz da chamada de Cristo para servir. E, enquanto escutamos Sua voz, não nos deveríamos surpreender se O ouvíssemos chamar a um envolvimento de amor nas necessidades dos pobres.

Que significam estas palavras de Jesus para você, em seu mundo, agora?" "Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me. ...Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mateus 25:35-36, 40). Do novo MANUAL respigamos este parágrafo:



904. RESPONSABILIDADE PARA COM OS POBRES

A Igreja do Nazareno crê que Jesus ordenou a Seus discípulos terem um relacionamento especial com os pobres deste mundo; que a Igreja de Cristo deveria, primeiro, manter-se simples e livre de ênfase a riqueza e extravagância e, em segundo lugar, cuidar, alimentar, vestir e dar abrigo aos pobres. Através da Bíblia e na vida e exemplo de Jesus, Deus se identifica e presta assistência a pobres, oprimidos e aqueles que, na sociedade, não têm voz activa. Da mesma maneira, também nós somos chamados a identificar-nos e a estar em solidariedade com os pobres, e não simplesmente a oferecer-lhes caridade das posições de conforto onde nos encontramos. Cremos que os ministérios de compaixão aos pobres incluem actos de caridade assim como esforço em oferecer oportunidade, igualdade e justiça aos pobres. Cremos ainda que a responsabilidade cristã para com os pobres é um aspecto essencial na vida de cada crente na procura de uma fé que opera através do amor.

Finalmente, entendemos que a santidade cristã é inseparável do ministério aos pobres e que ela leva o cristão para além de sua própria perfeição individual; conduz à criação de uma sociedade e mundo mais justos e imparciais. A santidade, ao invés de distanciar os crentes das desesperadas necessidades económicas de pessoas em nosso mundo, motiva-nos a oferecer nossos recursos para as aliviar e, também, ajustar os nossos desejos de acordo com as necessidades de outrem. □

TRANSPLANTE

A realidade do transplante cardíaco estourou como uma bomba na madrugada do dia 3 de Dezembro de 1967. Louis Washkansky, um paciente de 55 anos recebera no Hospital Groote Schuur, de Cape Town, África do Sul, o coração da jovem Denise Ann Darvall. O mundo devorou as notícias dos dezoito dias seguintes, como se delas dependesse o futuro da raça humana. Mesmo quando Washkansky morreu, a febre do transplante cardíaco sobreviveu em vários centros de investigação e pesquisa. Hoje a operação é quase rotineiramente feita e tem permitido vida normal a um número crescente de pessoas.

Mas o conceito dum transplante cardíaco vai muito além de 1967. No texto de Ezequiel escolhido para o dia 13 deste mês, encontramos estas palavras surpreendentes escritas há milhares de anos: "E tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne" (11:19). O Cirurgião aqui é Deus, e fica assim garantido o êxito da operação.

Nas Escrituras, como na linguagem prática, o coração empedernido vem associado ao conceito de insensibilidade e dureza prejudiciais tanto ao que alberga como aos que se tornam vítimas desse órgão doente. A solução, aos olhos de Deus, foge ao impulso de considerar caso perdido qualquer pessoa atacada do mal, como se fosse refugio numa fábrica onde o controle de qualidade rejeita todo o produto defeituoso. Numa oficina de reparações gerais, na América do Sul, alguém pôs este leiteiro: "CONSERTAMOS TUDO MENOS CORAÇÕES QUEBRADOS". Bem, onde parou a habilidade do pessoal da oficina, entra o poder ilimitado de Deus: Ele conserta corações quebrados. E também transplanta corações saudáveis, em substituição dos empedernidos, insensíveis e, por isso, incapazes de sustentar ou gerar vida.

ORE:

1. Por um coração sensível aos apelos de Deus e às necessidades do próximo.
2. Pelo ministério de música da sua congregação. Lembre-se em especial dos seus líderes, do orfeão, dos músicos e quantos apoiam este segmento vital do culto e da adoração.
3. Dê graças pelo hinário, "a Bíblia do povo" (pág. 19) e por centenas de pessoas que nele compartilharam a sua peregrinação com Deus.
4. Pela Oferta de Gratidão a ser recolhida nas próximas semanas, para o programa do evangelismo mundial. □

**LEITURAS
BÍBLICAS
DO MÊS**

- 1 II Crônicas 4—6
- 2 II Crônicas 7—9
- 3 II Crônicas 10—13
- 4 II Crônicas 14—16
- 5 II Crônicas 17—19
- 6 II Crônicas 20—22
- 7 II Crônicas 23—25
- 8 II Crônicas 26—29
- 9 II Crônicas 30—32
- 10 II Crônicas 33—36
- 11 Ezequiel 1—3
- 12 Ezequiel 4—7
- 13 Ezequiel 8—11
- 14 Ezequiel 12—14
- 15 Ezequiel 15—18
- 16 Ezequiel 19—21
- 17 Ezequiel 22—24
- 18 Ezequiel 25—27
- 19 Ezequiel 28—30
- 20 Ezequiel 31—33
- 21 Ezequiel 34—36
- 22 Ezequiel 37—39
- 23 Ezequiel 40—42
- 24 Ezequiel 43—45
- 25 Ezequiel 46—48
- 26 Daniel 1—3
- 27 Daniel 4—6
- 28 Daniel 7—9
- 29 Daniel 10—12
- 30 Ester 1—3

**VERSÍCULO
BÍBLICO**

"Cria em mim,
ó Deus,
um coração puro,
e renova em mim
um espírito recto"

— Salmo 51:10.



PERGUNTAS

✓ Em Actos 20:22—21:15 parece haver uma mensagem contraditória. Actos 20:22 diz que Paulo foi compelido pelo Espírito Santo a viajar até Jerusalém; mas em Actos 21:4, os discípulos “aconselharam” Paulo, movidos “pelo Espírito”, a não subir a Jerusalém. Finalmente, em Actos 21:15, Paulo e os companheiros dirigem-se a Jerusalém. A minha pergunta é: Se Paulo não fosse a Jerusalém teria sido culpado de desobediência? Ou teria desobedecido ao Espírito Santo indo para Jerusalém sem atender aos conselhos do Espírito recebidos por intermédio daqueles discípulos?

✓ Que significará Paulo com a sua declaração em II Coríntios 5:11 — “Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens”?

✓ Pensa que haverá alguma correlação entre bancos vazios e pregação fraca?

E RESPOSTAS

Creio que a mensagem destes versículos não é contraditória.

Ao advertir Paulo que algemas e aflições o esperavam em Jerusalém, Ágabo e outros foram realmente repetindo: “Isto diz o Espírito Santo” (v.11). Mas, pelo facto de pedirem a Paulo que não fosse a Jerusalém, estariam a ultrapassar a mensagem do Espírito, reagindo humanamente e com amor, no desejo de ver o seu amigo livre de sofrimento.

O problema é 21:4 — “Eles, pelo Espírito, diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém”. Acho judicioso o comentário de Adam Clarke: “O Espírito predisse as perseguições de Paulo, mas não parece ter proibido a sua viagem; e Paulo estava persuadido que agindo assim, qualquer que fosse o risco pessoal, daria mais glória a Deus indo a Jerusalém do que ficando em Tiro ou em outra parte”.

O que sabemos de Paulo no Livro de Actos leva-me a aceitar esta interpretação de toda a passagem bíblica e das acções de Paulo.

Quando o Espírito de Jesus o proibiu de ir para Bitínia, ele não foi (16:7). Quando o Senhor lhe disse para ficar em Corinto, ficou (18:9-11). Foi um homem obediente e uniu a sua obediência aos sofrimentos que encontrou em Jerusalém (26:19-23). Semelhante homem, se tivesse recebido um plano directivo do Espírito para não ir a Jerusalém, é inconcebível que ele tivesse desobedecido.

Paulo falou sobre o ministério e os ministros do evangelho. Ele explicou a glória do primeiro e a integridade do último. O que ele procura “persuadir os homens” é da verdade do evangelho e da necessidade de confiar em Cristo para salvação do pecado. Ele esforça-se em fazer isso totalmente consciente do juízo vindouro. Mas penso que a sua referência ao “tribunal de Cristo” (v.10) significa que Paulo prega com persuasão porque está atemorizado com o pensamento de comparecer perante Cristo para prestar contas do seu ministério. O temor de que ele fala é uma profunda reverência pelo Senhor, um temeroso respeito por Ele que incita Paulo a viver em pureza e a pregar com honestidade. O motivo constrangedor do ministério de Paulo não é o temor mas o amor de Cristo (vs.14-15). À luz deste amor ele deseja servir o Senhor com sinceridade e levar outros a fazerem o mesmo.

Com frequência, mas não necessariamente. Nunca alguém pregou melhor do que Jesus Cristo, mas ocasionalmente perdeu muitos dos Seus discípulos (João 6:66).

Pesquisas têm mostrado que as pessoas raramente escolhem uma igreja pela qualidade da pregação do seu pastor. Geralmente a escolha foi determinada por alguém dessa congregação ter mostrado amizade e ajudado “estranhos” durante alguma crise grave.

Eu estou a pregar permanentemente e ainda procuro aprender como fazê-lo. Mas não podemos atribuir culpa ao pastor quanto aos bancos vazios, sejam quais forem os defeitos da sua pregação. Vários outros factores estão envolvidos, muitos deles relacionados directamente com os membros da igreja. □

DELI É O MAIOR DISTRITO

Com 17.000 membros, o Distrito Norte de Deli, na Índia, é hoje o maior da Igreja do Nazareno. O superintendente geral Dr. John A. Knight que se deslocou àquele país para presidir cinco Assembleias, diz que o Distrito Norte de Deli "organizou 46 novas igrejas e recebeu mais de 7.000 novos membros". Parte deste crescimento (2.750 membros) vieram da união de várias congregações no Estado de Orissa, da qual também ganhámos 19 novas igrejas. O distrito tem hoje um total de 111 igrejas. "Entusiasmou-me o que vi", disse o Dr. Knight. E teve palavras de elogio ao ministério do superintendente do mesmo Distrito, Dr. V. K. Singh.

O Dr. John A. Knight fazia-se acompanhar pelo director do programa Impacto a Cidades, Rev. Michael Estep. No decurso desta viagem lançaram-se as bases para o esforço denominacional de 1993, o Impacto à Cidade de Calcutá.

Durante a visita a Calcutá os nossos líderes foram convidados a uma breve audiência com a Madre Teresa, directora do trabalho das Irmãs de Caridade de Calcutá, laureada com o Prémio Nobel da Paz pelo seu dedicado ministério a indigentes e moribundos.

O segundo Distrito nazareno passa a ser Alta Verapaz, Guatemala, com 13.500 membros.

MÉDICOS NAZARENOS VISITAM A GUIANA

A Associação Nazarena de Cuidados Médicos doou US\$60.000 de medicamentos ao País, durante a visita de quatro médicos nazarenos. A apresentação da oferta foi feita ao Ministro da Saúde, Dr. Noel Blackmon.

Além dos medicamentos, ofereceram também um aparelho de EKG aos serviços de emergência do Hospital de Georgetown. Os médicos examinaram mais de 900 pacientes em clínicas estabelecidas em quatro Igrejas do Nazareno locais.

A visita foi coordenada pelo Rev. Robert Dabydeen, superintendente do Distrito da Guiana, e coincidiu com as actividades planeadas para celebrar o êxito do programa Impacto '89, dedicado ao País.

CONFERÊNCIA DE EVANGELISMO

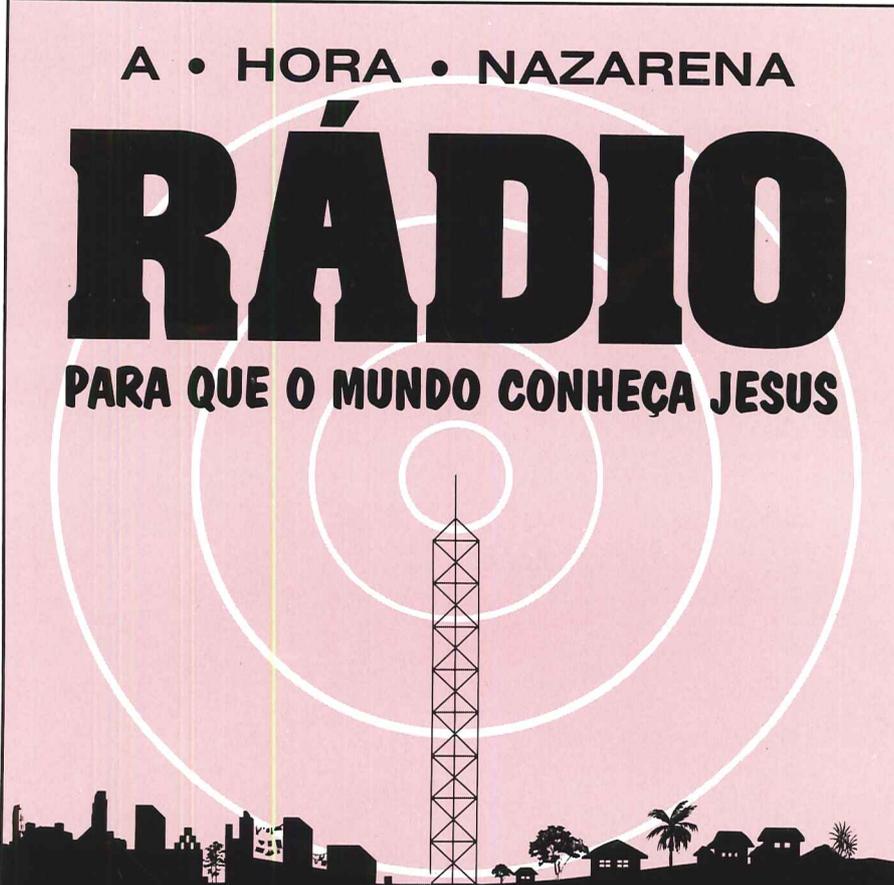
Será realizada de 29 a 31 de Outubro de 1991 a Conferência Quadrienal de Evangelismo, anunciou o Rev. M. V. Scutt, director dos Ministérios de Evangelismo da Igreja do Nazareno. A Junta de Superintendentes Gerais estabeleceu essa data, esperando-se para breve o anúncio do lugar do magno encontro.

A última conferência foi realizada em Kansas City, EUA, em 1987. □

A • HORA • NAZARENA

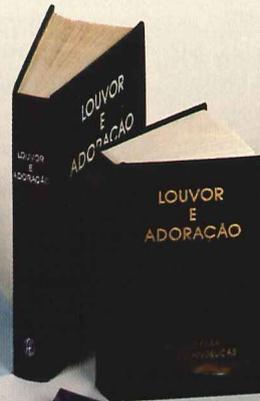
RÁDIO

PARA QUE O MUNDO CONHEÇA JESUS



MISSÃO MUNDIAL DA RÁDIO
IGREJA DO NAZARENO

ENRIQUEÇA



O SEU LOUVOR

Com estes livros de hinos, cânticos e arranjos especiais.

Faça o seu pedido à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES